Mato Grosso e o Mercosul

Por Paulo Cézar de Souza

O Estado de Mato Grosso abriga 3,1 milhões de habitantes originados de todas as partes do país. É o segundo em extensão territorial (908 mil km²). Apresenta uma economia consolidada no agronegócio exportador. É o primeiro do país na produção de soja e de algodão, o primeiro em plantel bovino, além de destaque na produção de milho e cana de açúcar e arroz e feijão. Em 2013, a produção em grãos de Mato Grosso (40 milhões de toneladas), foi de longe, a maior do país. Somente a produção estadual representou 25% do volume nacional. O PIB do Estado cresceu à taxas nominais médias em 14% ao ano entre 2002 à 2011 quando atingiu US$ 30 bilhões[1]. A indústria (incluindo as atividades de transformação e construção civil) também está perto do nível de ocupação da agricultura. Mas há espaços para avançar na industrialização de nosso Estado. Pluma, couro, grãos, extrativismo, cana, pecuária (bovina, suína e avícola), leite, minérios são algumas das fontes primárias que podem impor um ritmo cadenciado e crescente ao nosso modesto parque industrial e às indústrias sediadas em países parceiros do Mercosul. Diversos exemplos no mundo mostram uma trajetória industrial derivada de uma forte agricultura.

O comércio é diversificado e responde por 50% de todo o faturamento e por 62% dos impostos[2]. Essa matriz econômica pode ser mais integrada e tanto o Estado quanto os países do Mercosul podem ganhar com um esforço conjunto que explore essas janelas de oportunidades.

Como sabemos, diminuir o empobrecimento regional depende de acesso à capital. Atualmente vultosas soma de capitais especulativos poderiam formar fundos investíveis cuja conversão em ações e debêntures teriam um papel na redução da escassez de recursos. Falamos aqui, em ampliar a participação dos setores privados no processo de coesão de nossos mercados. O Banco do Mercosul, protegido por fundos soberanos, presidido por quadro técnicos de nações do bloco, poderiam elevar a segurança para os capitais que circulam à procura de oportunidade. A suposição é que investimentos difusos (e escassos, como atualmente) ofereçam uma visão menos nítida do que uma carteira de investimento coordenada por um agente no âmbito do Mercosul. O aporte do Banco do Mercosul, combinado com outras fontes oficiais de governos intra-bloco poderia financiar atividades em comunidades afetadas pela liberalização comercial. Fóruns empresariais patrocinados pelos governos dos países poderiam construir um portfólio de áreas/setores prioritários para receberem investimentos. Presume-se que disfunções setoriais geradas por investimento estrangeiro seriam mitigadas por estratégias interventivas do Banco do Mercosul. Este operador selecionaria segmentos em declínio que seriam reconvertidos/recuperados em setores mais prósperos com estímulo aos novos agrupamentos empresariais. Essa modalidade de cobertura de capital representaria uma valiosa fonte para reduzir o impactos das desigualdades regionais. Obras de infraestrutura como rodovias, ferrovias, portos, aeroportos, corredores comerciais em regiões fronteiriças, são formas de para unir lugarejos remotos, interligar cidades e abastecer centros consumidores.

Fronteiras produtivas são expansíveis na medida em que modais reduzem os custos da mobilidade de bens e facilitam o fluxo de trabalhadores. Permitir deslocamentos sem impor um ônus excessivo leva à potencial competição no mercado de trabalho o que tende a elevar as qualificações técnicas dos trabalhadores.

Diretrizes do Banco do Mercosul estimularia pesquisa e desenvolvimento científico e tecnológico para uma gradual substitutibilidade de produtos e equipamentos, que na versão da doutrina correntes supriria parte de importações.

Questões inconclusas

O Estado de Mato Grosso pode ajudar na consolidação do Mercosul ao permear suas fronteiras para trabalhadores, bens e capital à vizinha Bolívia? claro, que a reciprocidade devera estar assegurada pelos termos do acordo. Caso a Bolívia passe a compor o Mercosul o que devemos esperar de impacto favorável aos habitantes de ambos os países ao longo do perímetro fronteiriço?[3] Esta é uma questão complexa e depende de como governos, empresários e agentes financiadores irão organizar suas estratégias de atuação. Mais do que isso: depende da intensidade intercambiável de comércio entre Mato Grosso e Bolívia e das possíveis excepcionalizações que possam haver à nova integrante do Bloco.

Sempre há efeitos adversos quando se fala em globalização já que economias locais tendem ao aniquilamento quando submetidas à dura concorrência comercial - desde que ao atravessar as fronteiras essas mercadorias tenham preços mais baixos e diferenciais de qualidade. Por outro lado, sempre que governos e empresários dizem que estão protegendo empregos locais eles estão permitindo que consumidores paguem preços mais altos por mercadorias e serviços.

Contexto comercial

Entre 1991 a 2013, segundo o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC), o Mercosul foi responsável pelo aumento médio de 20% nas trocas entre os países membros. No mesmo período as trocas mundiais se expandiram 13%. Aproximadamente 30% das exportações industriais brasileiras têm o Mercosul como destino de seus produtos, e o percentual chega a 42% se incluímos os demais vizinhos latino-americanos.

Um volume de US$ 2,3 trilhões: essa foi a soma transacionada por cinco países[4] entre 2008-2013. Em termos globais é uma cifra bem discreta. Considerando essas cinco nações, Mato Grosso exportou percentualmente desse total: 2,97 à Argentina; 1,67 ao Paraguai; 0,89 ao Uruguai; 5,0 à Bolívia e 89,47 para a Venezuela. Em termos absolutos, Mato Grosso exportou para esses países US$ 674,4 milhões em 2008 e US$ 330,5 em 2013, uma queda vertiginosa de pouco mais de 50%. Se acrescentarmos Chile, Colômbia e Peru, o montante exportado por Mato Grosso chegou a US$ 893 em 2008 e US$ 435 em 2013, novamente uma descida abrupta de 52%.

À Venezuela, destino mais expressivo de nossa exportação, enviamos cereais em grãos, soja (grãos, óleo e farelo), carne de aves e carne bovina. Para a Bolívia, embarcamos açúcar e álcool, carne de aves e cereais em grão, cujo montante em 2012 situou-se próximo a US$ 22 milhões (0,31% do total das importações). Se compararmos com a exportação para a China ou União Europeia apenas uma fração do total das transações internacionais do Estado abastece o Mercosul.

Paulo Cézar de Souza é mestre em economia e acadêmico de direito. e-mail: pcsouza40@gmail.com.br.